



Editorial

Revista Sala Preta

Prezados leitores,

É com imensa satisfação que quebramos a garrafa de champanhe para lançar ao mar mais uma edição de nossa Sala Preta. Sintam-se à vontade para navegar pelos caminhos e descaminhos dos escritos apresentados neste número. Em que se pode encontrar um oferecimento, tão amplo quanto fértil, de temas e enfoques que tocam em questões pungentes das artes da cena, e sua relação com as nossas sociedades contemporâneas.

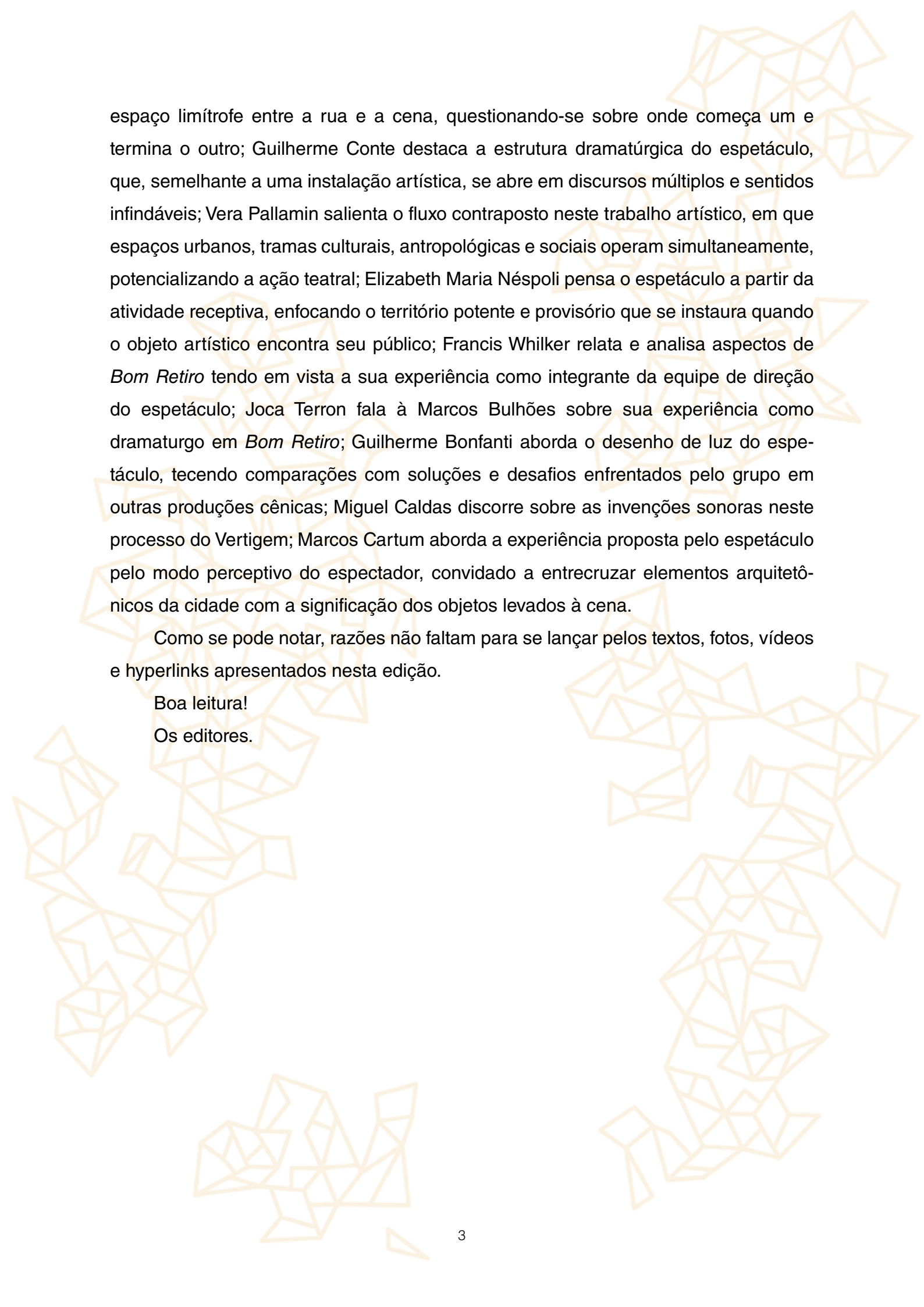
A SEÇÃO EM PAUTA enfoca aspectos das escrituras cênicas recentes, abordando especialmente as estratégias para se pensar os processos de criação, com base nos artigos: Claudia Jeschke indica, a partir de sua pesquisa na Alemanha, que palestras/performances podem ser tomadas como modelos para a pesquisa e a criação em arte; Sílvia Geraldi analisa procedimentos peculiares à linguagem da dança e destaca elementos das poéticas coreográficas contemporâneas; Verônica Fabrini dirige seu olhar à um processo de montagem da peça *Macbeth*, partindo das aproximações e das cisões entre teatralidade e performatividade; Flavio Sanctum reflete sobre a prática do Teatro-Fórum, valendo-se dos escritos teóricos de Theodor Adorno; Vanessa Macedo aponta como as políticas culturais trazem implicações estéticas e dramáticas na configuração da dança paulistana; Julia Ziviani Vitiello coloca-se no escuro da coxia após o segundo sinal, para, deste lugar solitário e apreensivo, refletir sobre seu percurso criativo e a iminente relação com o público; Paulina Maria Caon trata de procedimentos criativos pensados e deflagrados como reação a uma obra de referência; Juliana Moraes toma o conceito deleuziano de repetição para pensar a dramaturgia em dança, como operação de narrativas inconscientes aparentemente descontínuas.

Na SEÇÃO SALA ABERTA, que, como sugere o próprio termo, oferece artigos com temas e enfoques múltiplos, temos: Luiz Marfuz reflete sobre impasses e estratégias para encenar as peças de Samuel Beckett; Eberto Garcia Abreu tece análise acerca da crítica teatral hoje, a partir de sua atuação como crítico e professor em Cuba; Leonel Martins Carneiro adota o conceito de atenção, com raízes na psicologia, para rever as propostas de Stanislávski acerca da preparação do ator; Eduardo Tessari Coutinho se vale dos princípios da mímica para pensar em procedimentos que visem a clareza e a precisão no trabalho do ator; Edelcio Mostaço propõe quatro conceitos centrais para uma introdução aos estudos da performance.

Na SEÇÃO ENTREVISTAS, apresentamos um encontro ocorrido em Paris, na sede do *Théâtre du Soleil*, em 29 de fevereiro de 2004, entre: Béatrice Picon-Vallin, diretora de pesquisas do CNRS – Centro Nacional de Pesquisa Científica (da França); Erhard Stiefel, escultor e criador de máscaras, que colabora regularmente com o *Théâtre du Soleil* desde 1967; e Ariane Mnouchkine, diretora e uma das fundadoras do *Soleil*. A utilização das máscaras no teatro é o eixo central das questões propostas por Picon-Vallin aos dois artistas.

Na SEÇÃO O QUE VOCÊ ESTÁ LENDO, Renato Ferracini discorre sobre suas leituras estabelecendo um espaço de tensão entre experiência artística e escritos filosóficos, ressaltando seu interesse por textos de autores como Foucault, Espinosa, Deleuze e Bauman.

O DOSSIÊ ESPETÁCULO apresenta a produção teatral *Bom Retiro 958 metros*, a mais recente criação do Teatro da Vertigem. Os artigos abordam o instigante espetáculo sob perspectivas tão diferentes quanto provocativas: Ismail Xavier ressalta a imersão poética proposta pelo espetáculo, em que, na crosta da cidade, o teatro, a geografia urbana e a economia se contaminam reciprocamente; Mauro Pergaminik Meiches discorre sobre como recorreremos a um saber inconsciente, sem sintaxe evidente e organização narrativa previamente constituída para estabelecermos relação com as propostas cênicas; Johana Albuquerque destaca o novo terreno investigativo do Vertigem, tomando o espaço urbano como campo de intervenção artística; Marta Goes indica como em *Bom Retiro 958 Metros* questões urgentes e reflexões complexas são traduzidas, com grande habilidade, em imagens fortes e sintéticas; Luís Fabiano Oliveira e Silvia Balestreri analisam o espetáculo sob a perspectiva das práticas de deriva como dispositivo de criação, partindo das propostas situacionistas da vanguarda européia; Francisco Foot Hardman analisa *Bom Retiro* enfocando o



espaço limítrofe entre a rua e a cena, questionando-se sobre onde começa um e termina o outro; Guilherme Conte destaca a estrutura dramática do espetáculo, que, semelhante a uma instalação artística, se abre em discursos múltiplos e sentidos infindáveis; Vera Pallamin salienta o fluxo contraposto neste trabalho artístico, em que espaços urbanos, tramas culturais, antropológicas e sociais operam simultaneamente, potencializando a ação teatral; Elizabeth Maria Néspoli pensa o espetáculo a partir da atividade receptiva, enfocando o território potente e provisório que se instaura quando o objeto artístico encontra seu público; Francis Whilker relata e analisa aspectos de *Bom Retiro* tendo em vista a sua experiência como integrante da equipe de direção do espetáculo; Joca Terron fala à Marcos Bulhões sobre sua experiência como dramaturgo em *Bom Retiro*; Guilherme Bonfanti aborda o desenho de luz do espetáculo, tecendo comparações com soluções e desafios enfrentados pelo grupo em outras produções cênicas; Miguel Caldas discorre sobre as invenções sonoras neste processo do Vertigem; Marcos Cartum aborda a experiência proposta pelo espetáculo pelo modo perceptivo do espectador, convidado a entrecruzar elementos arquitetônicos da cidade com a significação dos objetos levados à cena.

Como se pode notar, razões não faltam para se lançar pelos textos, fotos, vídeos e hyperlinks apresentados nesta edição.

Boa leitura!

Os editores.